

Organizadores

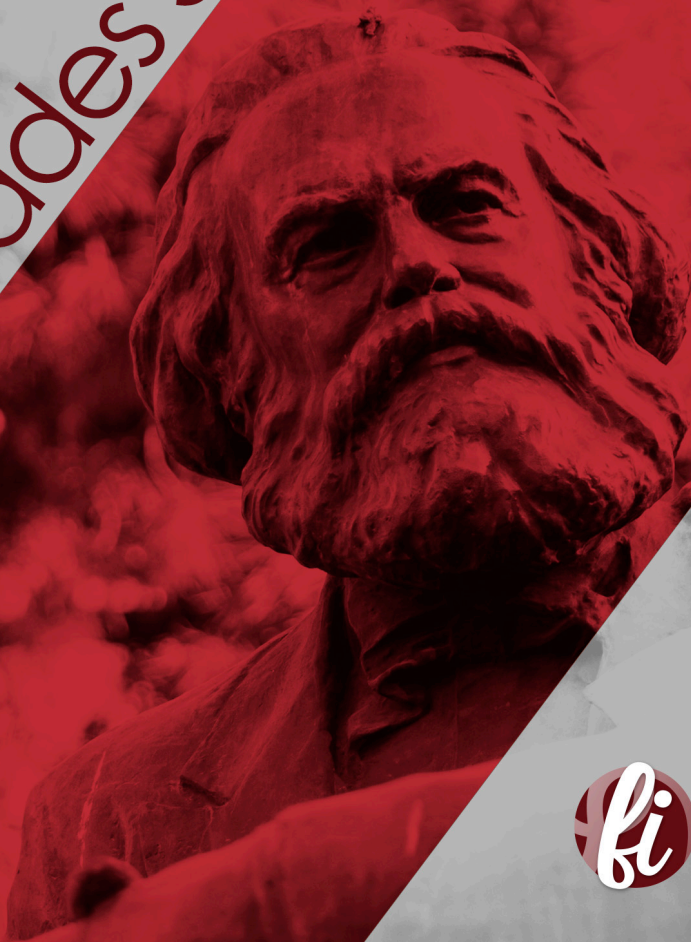
**Marcelo de Sousa Araujo**

**Débora Rodrigues de Oliveira Serra**

**Sarah Moraes Gomes**

# Afinidades Seletivas I

Estudos Marxistas



## **AFINIDADES SELETIVAS I**



# **AFINIDADES SELETIVAS I**

ESTUDOS MARXISTAS

Organizadores

**Marcelo de Sousa Araujo**  
**Débora Rodrigues de Oliveira Serra**  
**Sarah Moraes Gomes**



**Diagramação:** Marcelo Alves

**Capa:** Gabrielle do Carmo



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A257      Afinidades seletivas I: estudos marxistas [recurso eletrônico] / Marcelo de Sousa Araujo, Débora Rodrigues de Oliveira Serra e Sarah Moraes Gomes (orgs.). – Cachoeirinha : Fi, 2024.

62p.

ISBN 978-65-85958-24-0

DOI 10.22350/9786585958240

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Educação – Estudos marxistas. I. Araujo, Marcelo de Sousa. II. Serra, Débora Rodrigues de Oliveira. III. Gomes, Sarah Moraes.

CDU 37.01/09:330.8

---

Catalogação na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO</b>   | <b>7</b>  |
| <i>Marcelo de Sousa Araujo</i>  |           |
| <b>PREFÁCIO</b>   | <b>11</b> |
| <i>Débora Rodrigues Oliveira Serra</i>  |           |
| <b>1</b>  | <b>15</b> |
| <b>A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA: UM BREVE ESTUDO A PARTIR DO CASO BARREIRINHAS – MA</b> |           |
| <i>Pedro Valentim de Souza</i>  |           |
| <i>Paulo Arthur Carvalho Baldez</i>   |           |
| <b>2</b>  | <b>23</b> |
| <b>A MAIS-VALIA ABSOLUTA E A MAIS-VALIA RELATIVA</b>                                |           |
| <i>João Gabriel Silva Fonseca</i>   |           |
| <i>Pérola Macário Martins</i>   |           |
| <b>3</b>  | <b>29</b> |
| <b>PRÁTICA DE ESCAMBO EM POVOADOS DE BARREIRINHAS</b>                               |           |
| <i>Renato Cezário Lima</i>  |           |
| <b>4</b>  | <b>41</b> |
| <b>O IMPERIALISMO: REFLEXÕES A PARTIR DA REALIDADE DE BARREIRINHAS – MA</b>         |           |
| <i>Ana Carolina Rocha Azevedo</i>   |           |
| <b>5</b>  | <b>47</b> |
| <b>A ORIGEM DO CAPITALISMO</b>  |           |
| <i>Sarah Moraes Gomes</i>   |           |
| <b>6</b>  | <b>53</b> |
| <b>O MARXISMO: BALANÇO TEÓRICO</b>  |           |
| <i>Marcelo de Sousa Araujo</i>  |           |
| <b>SOBRE OS AUTORES</b>   | <b>60</b> |

## APRESENTAÇÃO

*Marcelo de Sousa Araujo*<sup>1</sup>

A educação, incontestavelmente, é um dos caminhos para que possamos ter uma sociedade mais justa, democrática e humanista, em que as oportunidades possam ser ofertadas e distribuídas para todos, independente das condições materiais e imateriais. Nesse sentido, os estudos, interpretações e debates de textos da escola marxista têm contribuído sobremaneira para se buscar os caminhos supracitados, sobretudo por essa escola trabalhar na perspectiva da união entre teoria e práxis.

Assim, a proposta do Grupo de Estudos como projeto de ensino vem contribuindo no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos discentes do IFMA – Campus Barreirinhas, haja vista que os alunos estão tendo a oportunidade de aprofundar autores e matrizes teóricas que – por várias razões, mas sobretudo em decorrência do “engessamento” curricular – são trabalhados apenas de passagem na Educação Básica. Sabe-se que o campo de autores(as) das Ciências Humanas e Sociais é bastante abrangente e denso, sem possibilidade de ser esgotado em uma disciplina curricular. Por isso, a presente proposta tem sido mais um momento que o corpo discente tem para conhecer as diversas correntes de pensamento e, principalmente, aprender a operar com os métodos destas. Só a título de ilustração, podemos mencionar os três que são considerados os “pais” dessa área do conhecimento: Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920).

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFMA. Coordenador do Projeto de Ensino “Afinidades Seletivas I: estudos marxistas”, do IFMA – Campus Barreirinhas.

Pode-se afirmar que as matrizes teóricas que nortearam (ou norteiam) as Ciências Humanas e Sociais, principalmente a partir do século passado, são herdeiras, ou mesmo recebem influência, do *modus operandi* dos métodos desenvolvidos pelos pensadores mencionados acima. Desse modo, cada um desses teóricos, em decorrência da complexidade e da profundidade de suas abordagens, mereceria Grupos de Estudos específicos para tratarem de suas obras. Por isso, como trabalho inicial, o presente projeto de ensino se concentrou nos trabalhos produzidos por alguns autores da escola marxista em âmbito mundial e nacional.

A escolha do marxismo para o presente momento se deu em razão dos seguintes motivos:

- a) A cronologia, posto que Karl Marx é de uma geração anterior aos outros autores e, assim, sua literatura foi a primeira a ser produzida, apesar dos seus textos, diferentemente de Durkheim e Weber, não terem como objetivo inicial o meio acadêmico.
- b) Entende-se que, para se debruçar sobre as contradições inerentes ao modo capitalista de produção, sem dúvida, a escola marxista é o caminho mais apropriado. Com isso, a produção textual desenvolvida por seus autores(as) ajudará no questionamento da expansão do modo de capitalista de produção em Barreirinhas.
- c) O materialismo histórico e dialético como método – operando sempre com a concepção de totalidade – contribuirá para que os alunos interpretem o movimento dialético da aparência/essência desse modo de produção no município de Barreirinhas e como a tradição dos costumes, por exemplo, pode ser uma alternativa de defesa/enfrentamento ao processo de expansão capitalista.

Diante disso, do ponto vista acadêmico, o Grupo de Estudos “Afinidades Seletivas I: estudos marxistas” tem aprofundado os estudos sobre uma das principais matrizes teóricas da área das Ciências Humanas e Sociais, possibilitando a interdisciplinaridade, haja vista que o

marxismo está presente em diversas áreas do conhecimento: História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia, dentre outras. Para tanto, temo-nos debruçado sobre suas principais categorias analíticas: dialética, capital, modo de produção, relações de produção, teoria do valor, mais-valia, alienação, ideologia, mercadoria e reificação.

Do ponto de vista social, as contribuições do Grupo de Estudo têm sido consideráveis, posto que, por meio dos estudos das obras da matriz teórica supracitada, os discentes estão desenvolvendo a criticidade, problematizando sobre as condições sócio-históricas do Brasil, do Maranhão e Barreirinhas. Uma vez que se entende que, por meio do conhecimento das categorias analíticas que compõem essa escola de pensamento, os discentes poderão aprofundar os questionamentos sobre sua realidade histórica.

Marx (2007, p. 535), na 11ª tese sobre Feuerbach, coloca que “os filósofos apenas interpretam o mundo de diferentes maneiras; o que interessa é transformá-lo”. Diante disso, entende-se que o conhecimento produzido na escola não pode se limitar ao seu espaço físico, e, sim, ultrapassar suas fronteiras por intermédio do casamento entre teoria e prática e, sem dúvida, o marxismo por meio das relações indissociáveis entre teoria e práxis é um campo fecundo para alcançar esse caminho.

Por fim, o Grupo de Estudos “Afinidades Seletivas I: estudos marxistas” tem trabalhado na perspectiva de compreensão das relações dialéticas entre o global (o próprio processo de expansão do capitalismo em suas mais variadas facetas tanto no âmbito material quanto imaterial) e o local (tradições desenvolvidas na região a partir dos seus usos e costumes), observando-se como o materialismo histórico e dialético tem ajudado a pensar, a questionar e discutir os problemas do município de Barreirinhas.



## PREFÁCIO

*Débora Rodrigues Oliveira Serra*<sup>1</sup>

A participação na organização e o convite para prefaciar esta obra são considerados um privilégio, uma vez que ela, seguramente, possibilitará ampliar a criticidade de seus leitores, em especial, estudantes, professores e demais servidores do Campus Barreirinhas do Instituto Federal do Maranhão.

“Afinidades seletivas I: estudos marxistas” é o resultado do projeto de ensino homônimo, coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo de Sousa Araújo, que buscou, a partir da criação de um grupo de estudos formado por estudantes do Ensino Médio do Instituto Federal do Maranhão - Campus Barreirinhas, aprimorar o processo de ensino- aprendizagem por meio da análise, interpretação e discussões de textos da escola marxista, que fomentaram reflexões sobre as condições sócio-históricas observadas em níveis do global ao local, com destaque para o município de Barreirinhas.

Conhecido como o principal portal de entrada para os Lençóis Maranhenses –região que desde o início dos anos 2000 tem se tornado cada vez mais atrativa turisticamente devido à sua beleza cênica, composta por dunas e lagoas –, o município de Barreirinhas, por meio da atividade turística, tem sofrido transformações baseadas na lógica do mercado, envolvendo situações como valorização fundiária, especulação imobiliária, degradação ambiental e precarização do trabalho. Tais transformações, porém, convivem com alguns costumes tradicionais remanescentes, revelando uma das principais características do capitalismo, o desenvolvimento desigual e combinado.

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia pela UFPA. Professora EBTT do IFMA – Campus Barreirinhas.

A reflexão crítica sobre o modo como Barreirinhas e a região dos Lençóis Maranhenses está se desenvolvendo tem sido realizada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento em níveis de graduação a pós-graduação. Tais produções são importantes como mecanismos de denúncias e podem/devem ser utilizadas para a formação escolar nos níveis fundamental e médio.

A obra em tela, entretanto, se destaca por possibilitar a produção e disseminação de conhecimento por estudantes de nível médio, por meio do estímulo a leituras que vão além do conteúdo abordado em sala de aula, associadas à observação das transformações socioambientais do lugar em que vivem e à reflexão sobre as suas próprias vivências.

Desse modo, o livro se inicia com o artigo dedicado ao tema da exploração capitalista no município de Barreirinhas associada à expansão do turismo, desenvolvido pelos estudantes do 2º ano dos cursos técnicos de Agenciamento de Viagens e Meio Ambiente, Pedro Valentim de Souza e Paulo Arthur Carvalho Baldez. O texto nos convida a refletir sobre os efeitos da implementação da atividade turística, que tem por base a lógica de mercado.

A teoria marxiana da mais-valia absoluta e relativa é analisada pelos estudantes dos cursos técnicos de Agenciamento de Viagens e Meio Ambiente, João Gabriel Silva Fonseca e Pérola Macário Martins, relacionando-a aos diversos setores de produção do município de Barreirinhas.

O processo de desenvolvimento desigual e combinado, característico do capitalismo, é observado em comunidades rurais barreirinhenses por meio da manutenção da prática do escambo, que também pode ser interpretado como um enfrentamento à expansão do referido modo de produção. As análises neste sentido são realizadas por

Renato Cezário Lima de Melo, estudante do curso do 3º ano, do Curso Técnico em Meio Ambiente.

A estudante do 3º ano do curso Técnico em Alimentos, Ana Caroline Rocha Azevedo, reflete sobre o imperialismo a partir de textos clássicos de Marx e Lênin, buscando relacioná-los à realidade socioambiental do município de Barreirinhas.

Os dois capítulos finais foram elaborados pelos professores historiadores Sarah Moraes Gomes e Marcelo de Sousa Araújo, respectivamente. Sarah Gomes traz uma discussão sobre as origens do capitalismo. Por sua vez, no texto sobre os embates entre as teorias ortodoxas e heterodoxas do marxismo, Marcelo de Sousa Araújo evidencia a diversidade de correntes de pensamento desenvolvidas a partir das produções marxistas.

Assim, é inegável a importância do conjunto de discussões apresentadas na presente obra, pois, além da contribuição para o despertar dos estudantes para a produção acadêmica, os temas abordados, com base nas categorias de análise do marxismo e de sua relação com as condições sócio-históricas observadas em Barreirinhas, conduzem para o desenvolvimento do senso crítico e do desejo da busca por mudanças.

Diante do exposto, desejo que cada trabalho deste livro seja interpretado como um convite à reflexão sobre como as sociedades, nos mais diversos lugares, têm sido conduzidas a servirem aos interesses mercadológicos e, portanto, para a sua desumanização. Tal reflexão, porém, deve ser um estímulo para a criação de formas de se contrapor tendo como horizonte a emancipação humana e o fortalecimento da coletividade.



# 1

## A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA: UM BREVE ESTUDO A PARTIR DO CASO BARREIRINHAS – MA

*Pedro Valentim de Souza*<sup>1</sup>  
*Paulo Arthur Carvalho Baldez*<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Este texto se trata de uma pesquisa surgida em um Projeto de Ensino sobre os estudos marxistas, um grupo criado originalmente no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus Barreirinhas, sob a coordenação do Prof. Dr. Marcelo de Sousa Araujo. Como objeto de estudo, temos a própria cidade de Barreirinhas.

Quem nunca ouviu falar dos Lençóis Maranhenses? De toda sua beleza deslumbrante? Uma paisagem que nunca se repete, pois está em constante mudança, modificada pela força dos ventos, da própria natureza. Entretanto, não são tantas as pessoas que sabem que esse lugar tão famoso faz parte de um município chamado Barreirinhas, localizado no estado do Maranhão.

Conforme as narrativas historiográficas, o local onde se encontra a cidade de Barreirinhas remonta à ocupação do lugar pelas etnias indígenas dos caetés e dos tapuios. Quem ocupava o local perto da foz do Rio Preguiças, chamada de Região das Areias, eram os caetés. A Fazenda da Companhia de Jesus, Santo Inácio, foi fundada no século 18.

Assim, depois que os jesuítas foram expulsos, o lugar passou para a mão de diversos senhores de engenho, tornando-se freguesia<sup>3</sup> somente em 1858, como salientado por Cesar Marques (1970, p. 108):

---

<sup>1</sup> Discente do 2º ano do Curso Técnico de Agenciamento de Viagem, do IFMA – Campus Barreirinhas.

<sup>2</sup> Discente do 2º ano do Curso Técnico em Meio Ambiente, do IFMA – Campus Barreirinhas.

<sup>3</sup> Jurisdição religiosa.

BARREIRINHAS – Esta freguesia foi formada à custa das freguesias da Tutóia, Brejo, Miritiba e São Bernardo, criada pela Lei provincial nº 481, de 18 de junho de 1858, e instituída canonicamente em 1º de outubro do mesmo ano.

A freguesia tornou-se vila com a Lei Provincial de 1871 e foi considerada cidade no ano de 1938. Convém ressaltar que Barreirinhas ganhou mais visibilidade quando a Petrobrás sondou a cidade nos anos 60 para possível extração de gás natural e petróleo, confirmando-se os interesses do capital tanto em esfera pública e privada sobre a região.

Foi somente em 1981 que o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses foi fundado. Convém ressaltar que, ainda hoje, a população manteve boa parte da área de trabalho do passado, como pesca, agricultura e artesanato. Foi assim que a cidade de Barreirinhas ficou conhecida como a que abriga os Lençóis.

Barreirinhas tem um dos grandes setores que mais movimentam a economia da cidade, o turismo, principalmente dos Lençóis Maranhenses, mas a cidade é bastante diversificada e conhecida na área rural – região essa que ainda guarda traços “não capitalistas”. Ou melhor, há regiões em Barreirinhas, sobretudo, nos chamados povoados, onde ainda se observam práticas comerciais pautadas nos costumes e na tradição, não necessariamente no capital propriamente dito.

Barreirinhas é considerada a maior produtora de mandioca e castanha de caju do Maranhão, além de produzir milho, arroz, coco, feijão e banana. Na área da aquicultura, as criações de tilápia e tambaqui se destacam. O município conta com um Hospital Regional e um Centro de Saúde chamado Eva dos Reis. Quanto à educação, a cidade tem um campus do IFMA (Instituto Federal do Maranhão), com cursos disponíveis para o nível técnico e nível superior.

Como já citado, os Lençóis Maranhenses são os responsáveis por grande parte do turismo local, mas existem outras cidades e pontos turísticos dentro do próprio parque que se pode visitar.

Alguns pontos turísticos, por exemplo, são as lagoas Azul e Santo Amaro – essa última considerada a maior lagoa dentro do Parque Nacional. Além disso, também é possível conhecer o Farol das Preguiças, na Região das Areias, ocupada pelos índios caetés nos primórdios da região.

### **A EXPANSÃO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA**

Em Barreirinhas podemos observar várias facetas do processo de exploração capitalista. Das atividades realizadas nos empreendimentos comerciais vistas, sobretudo, na cidade ou na própria forma de acumulação flexível do capital (Harvey, 2011), observada, principalmente nos elementos relacionados com o turismo no município.

Como salientado, parte constituinte do Parque dos Lençóis fica no município de Barreirinhas e tem atraído para o local turistas das mais diversas regiões do Brasil e do mundo, sendo responsável por tornar o turismo uma das principais formas de acumulação do capital no município e tornando a localidade, antes marcada pela predominância da ruralidade, agora em franco processo cosmopolita.

Sobre a exploração capitalista, ela acontece, principalmente, no mercado de trabalho, nos mais variados espaços de produção, por meio das relações entre trabalho e capital (gerente ou capataz), nas quais a exploração do trabalho gera lucro para os capitalistas. Pois, como bem frisa Marx (2003), o capital é um vampiro que necessita sugar o “sangue do trabalho”.

Desse modo, quem seriam esses trabalhadores? Quem faz parte do trabalho? Os trabalhadores são aqueles que vendem sua mão de obra – sua força de produção, no caso – em troca de um salário, do recebimento de vencimento, que geralmente ocorre de maneira mensal, mas também pode ser semanal ou quinzenal, de acordo com as relações firmadas com o capital.

A relação entre capital e trabalho assalariado como fenômeno social dominante é historicamente recente. Sua forma particular é aquela que corresponde à separação dos produtores de seus meios de produção e ao surgimento da classe trabalhadora moderna, resultante da expropriação dos trabalhadores de suas condições e meios de trabalho [...] O trabalho assalariado é a conversão da capacidade de trabalhar (ou força de trabalho) em mercadoria, e sua delimitação numa esfera definida da vida social. (Coggiola, 2021, p.38).

Podemos afirmar que um dos principais espaços de reprodução da acumulação de capital no município de Barreirinhas tem sido no turismo. Desse modo, um dos principais lócus onde acontece a exploração do trabalho na região também é no turismo. Conforme relatos<sup>4</sup> concedidos para a presente pesquisa, por exemplo, as pessoas que trabalham como atendentes de agência recebem um salário-mínimo mais comissão, soma que não passa de 1.500 reais.

Esse ordenado mal dá para essas pessoas pagarem suas contas, somente se reproduzindo enquanto trabalhadores que ganham precariamente. Acrescente-se isso ao fato de o custo de vida na cidade ter aumentado, pois, com a chegada dos turistas, o valor das mercadorias e dos serviços oferecidos nos estabelecimentos comerciais também sofre um considerável aumento. Em outras palavras, tem-se construído uma cidade que objetiva satisfazer mais os interesses dos

---

<sup>4</sup> Os profissionais dessa área que nos ajudaram nesse trabalho preferiram não mencionarem seus nomes no texto, pois temem sofrerem represálias por parte dos patrões.

turistas e seu capital do que precisamente os interesses dos nativos do município, ainda mais se esses nativos forem oriundos das comunidades tradicionais ou descendentes dos povos originários.

Nesse sentido, observa-se o processo de desenvolvimento desigual e combinado do modo de produção capitalista em Barreirinhas, com a presença de práticas capitalistas representadas, principalmente, com a acumulação flexível<sup>5</sup> vista na região, mas também com a presença de relações de produção consideradas tradicionais, em especial nos interiores, ou como costumamos chamar, dos povoados.

Assim, entender como o desenvolvimento desigual e combinado<sup>6</sup> do modo de produção capitalista tem se processado por essas bandas do estado é de suma importância para os debates sobre as condições dessa região. Haja vista que ao mesmo tempo que a cidade de Barreirinhas tem se tornado um espaço cosmopolita, com a presença de sujeitos sociais das mais variadas partes do mundo, também ainda são encontradas práticas que podemos chamar de “comunitárias”, constituindo-se em marcas indeléveis de espaços sociais considerados tradicionais. Práticas essas que, em consonância com os trabalhos de E. P. Thompson (2009), são oriundas dos “*costumes em comum*” dos filhos destas terras.

Ou seja, isso ajudará na “descortinação” do quadro econômico social verificado no município, pois, por trás da aparente silhueta do desenvolvimento, tem-se escondido a essência das desigualdades e contradições do modo capitalista de produção.

---

<sup>5</sup> Ver o artigo 4 deste livro.

<sup>6</sup> Ver o artigo 3 deste livro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do capitalismo em Barreirinhas está acontecendo a todo o vapor e, juntamente com isso, as contradições desse modo de produção também tem se tornado mais evidentes. Podemos observar a delimitação de espaços bem distintos dentro da cidade, com a presença de condomínios e de casas particulares bem luxuosas, basicamente de pessoas que não residem no lugar e somente vêm para a região para a diversão, o lazer e o entretenimento. Por outro lado, observa-se o surgimento pontual de “ocupações” e da “favelização” no entorno da cidade, reforçando-se o avanço desigual do modo de produção capitalista.

Desse modo, podemos inferir que a gentrificação do espaço em Barreirinhas, nesse ritmo, será uma questão de tempo.

Acrescenta-se que esse quadro tem sido alavancado pela exploração do trabalho, sobretudo, com o modelo de turismo colocado sobre o município, no qual os nativos têm que atender somente os interesses dos que vêm de fora. Esse modelo de turismo, por sua vez, tem consistido no principal expoente de acumulação capitalista não apenas para Barreirinhas, mas como para toda a região integrante dos Lençóis Maranhenses.

Então, o que fazer? Essa, sem dúvida, é a principal pergunta que precisa não somente ser feita, mas, logicamente, ser respondida. Talvez, a resposta possa ser ainda encontrada nos costumes, nas tradições, nos valores encontrados em povoados da região, onde o signo do capital e sua exploração – ainda – não são predominantes.

## REFERÊNCIAS

COGGIOLA, Osvaldo. Teoria Econômica Marxista. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MARQUES, César Augusto. *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009



## 2

### **A MAIS-VALIA ABSOLUTA E A MAIS-VALIA RELATIVA**

*João Gabriel Silva Fonseca*<sup>1</sup>

*Pérola Macário Martins*<sup>2</sup>

Fazemos parte do Projeto de Ensino de Incentivo à introdução à teoria marxista, coordenado pelo professor Marcelo de Sousa Araújo, o que nos tem trazido grandes oportunidades por vários motivos, tendo em vista que a teoria marxista é uma das correntes de pensamento mais influentes na teoria do conhecimento – sobretudo por operar com a possibilidade de transformação da realidade.

Ao nos reunirmos e estudarmos esse referencial teórico, buscando-se conhecer suas principais categorias analíticas, conseguimos desenvolver uma compreensão mais profunda sobre os assuntos tratados, principalmente das relações de classe, da expansão do modo de produção capitalista e de suas contradições, mas também das possibilidades de enfrentamento e, quiçá, de sua superação. Por que não? Outros modos de produção anteriores – escravismo e feudalismo, por exemplo – não foram suplantados? Não ruíram? Fica a provocação.

Retomando, nos estudos do grupo em questão, conseguimos construir uma visão crítica para analisar as desigualdades sociais presentes em nossa sociedade e descobrimos as raízes dessas desigualdades, além de analisar caminhos para a mudança disso.

Neste projeto tivemos a oportunidade de nos envolver em discussões intelectuais e estimulantes com os outros participantes interessados no assunto. Debates ideias e as diferentes interpretações, o que ajuda a expandir os nossos conhecimentos de

---

<sup>1</sup> Discente do 2º ano do Curso Técnico de Agenciamento de Viagem, do IFMA – Campus Barreirinhas.

<sup>2</sup> Discente do 2º ano do Curso Técnico em Meio Ambiente, do IFMA – Campus Barreirinhas.

pensamento crítico e analítico. Ou seja, o marxismo nos proporcionou novas possibilidades de leituras sobre o mundo e, em especial, o município de Barreirinhas.

Para tanto, nos estudos analisamos o livro *Teoria Econômica Marxista*, de autoria de Osvaldo Coggiola, no qual ele destaca os principais pensamentos econômicos baseados das ideias de Karl Marx. O livro é considerado uma das obras fundamentais da teoria econômica marxista. O texto é escrito de forma bastante didática – o que não significa falta de densidade, mas, muito pelo contrário, ajuda bastante na iniciação dos textos do Marx, pois sua narrativa foi pensada e construída com essa finalidade.

Por exemplo, na obra em questão, o autor apresenta a forma como Marx desenvolveu sua teoria da mais-valia e evidencia que Marx desenvolveu o conceito de mais-valia absoluta e mais-valia relativa, que se refere ao lucro obtido pelos capitalistas ao vender os produtos fabricados pelos trabalhadores.

Logo, esse projeto é fundamental para manter a mente aberta, explorar diferentes perspectivas e questionar as teorias e conceitos apresentados.

A mais-valia (forma geral) é a maior forma de gerar lucro para o patrão dentro do mundo capitalista, mas dentro deste sistema pode haver muitas variações<sup>3</sup>, algumas dessas sendo:

A mais-valia absoluta está relacionada à jornada de trabalho em que o operário passa trabalhando além do tempo necessário. Nesse

---

<sup>3</sup> Para Marx (2003) existem dois tipos de mais-valia: a absoluta e a relativa. A primeira, refere-se à quantificação do trabalho. A segunda, por sua vez, refere-se à qualificação dos meios de produção. Não esquecendo que o lucro do capitalista se encontra na exploração do capital variável, precisamente, o trabalho, e não no capital constante, no maquinário, como pensam alguns.

período sobressalente o trabalhador gera o lucro e esse valor se torna apropriação do patrão como forma de exploração.

Assim como também há a mais-valia relativa, que é relacionada à produtividade no trabalho que ocorre quando acontece uma inovação nos métodos de produção, reduzindo o tempo de produtividade. Porém, como consequência, há a diminuição do valor da mercadoria, reduzindo assim também o ganho do trabalhador pela quantidade de horas trabalhadas.

Em se tratando de Barreirinhas, município localizado no litoral norte do estado do Maranhão e integrante da famosa região dos Lençóis Maranhenses, podemos relacionar como as empresas turísticas têm lucrado em cima da exploração do trabalho, pois nessa área ainda não existe uma “regulamentação” totalmente organizada, de forma que muitos guias, por exemplo, fazem horas excedentes de trabalho sem receber sua devida renumeração, fazendo assim com que o patrão lucre de forma fácil acima dos seus operários.

Também podemos relacionar com os trabalhadores dos supermercados que ultrapassam suas horas de trabalho para cobrir um turno e não recebem folga ou hora extra. Ou mesmo os trabalhadores do sistema de bares e restaurantes da cidade, que, principalmente nos períodos de férias (quando se observa um maior fluxo de turistas), trabalham durante horas, muitas vezes com contratos somente para esse período de trabalho.

**Figura 1 – Bares da Beira Rio em Barreirinhas**



Fonte: autores (2023)

A imagem acima é da Beira Rio, um dos cartões postais da cidade, construída nas margens do Rio Preguiça. Trata-se de um dos principais pontos de acumulação do capitalismo na cidade e, por conseguinte, um dos principais lócus para a exploração do trabalho.

Conforme Ataíde Jr. (2021, p.187):

Outra consideração sobre a Lei Nº 531, diz respeito ao aumento da concentração urbana e de equipamentos turísticos em especial nas Zonas da Beira Rio 1 (ZBR1) e Zona Beira Rio 2 (ZBR2), essas duas faixas correspondem ao território turístico e local de maior fluxo de visitantes, nesses espaços aglomeram-se empreendimentos dos tipo bares, restaurantes, agências de turismo e casas de segunda residência, no entanto, ambas as áreas margeiam o curso principal do Rio Preguiças e existem pontos específicos utilizados para o embarque e desembarque de

lanchas utilizadas no trade turístico e barcos de pesca que despejam óleo no rio se configurando como um impacto ambiental.

De forma pretérita, esse espaço era utilizado pelos moradores locais como ponto de lazer, serenatas e como o principal balneário do município, no entanto, a lógica imposta pela atividade turística com um vai e vem de lanchas, com o aumento do fluxo de automóveis e músicas ao vivo nos bares, gerou inúmeros danos ambientais e culturais, pois, o hábito de tomar banho carregando as saboneteiras no fim da tarde, as prosas das lavadeiras, os jogos de vôlei na duna da ladeira, foram abandonados pelos moradores mais antigos.

Na passagem de Ataíde Jr., é interessante a observação que as mudanças trazidas pelo capitalismo não correspondem apenas ao campo das relações de produção, mas sim, também, aos aspectos culturais, pois antigas práticas de sociabilidade foram abandonadas ou substituídas devido aos avanços desse modo de produção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com os elementos observados ao longo da pesquisa em seus aspectos materiais e imateriais, constata-se que, em Barreirinhas, a atuação da mais-valia em sua forma absoluta – quantificação do trabalho – tem sido preponderante, sobretudo nas atividades relacionadas com o comércio, com o setor dos bares e restaurantes e com o turismo de modo geral.

Convém ressaltar que uma das características da expansão capitalista nas regiões consideradas periféricas, como é o caso do estado do Maranhão e também do município de Barreirinhas, é a predominância da mais-valia absoluta devido à quantidade de mão-de-obra considerada “desqualificada” e barata. Isso, na verdade, corresponde a uma das tendências do próprio modo de produção capitalista para contenção de suas crises.

Diante disso, o processo de expansão do capitalismo e todas as contradições, principalmente com a pauperização do trabalho, segue a todo o vapor no município de Barreirinhas e adjacências. Assim, o marxismo tem sido um campo fecundo para o diagnóstico desse processo e, quiçá, de sua superação.

#### **REFERÊNCIAS:**

ATAÍDE JR., Flávio. **Entre Areias e Tijolos: O Crescimento dos Empreendimentos Turísticos no Entorno do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. 2021. Tese (Doutorado em) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

COGGIOLA, Osvaldo. **Teoria Econômica Marxista**. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

# 3

## **PRÁTICA DE ESCAMBO EM POVOADOS DE BARREIRINHAS**

*Renato Cezário Lima <sup>1</sup>*

O escambo, um método de troca de bens e serviços desprovido do uso de moeda, constitui uma prática disseminada em diversas culturas globalmente, inclusive no território brasileiro. Sua origem remonta aos primórdios das estruturas sociais e econômicas da humanidade, quando as transações de bens e serviços ocorriam diretamente, prescindindo do intermédio de unidades monetárias. O escambo emergiu como um mecanismo garantidor do acesso a itens essenciais, viabilizando a troca entre aqueles desprovidos de recursos monetários.

Com o avanço do capitalismo, o escambo viu sua influência declinar, cedendo lugar à moeda como o principal meio de troca. Gradualmente, essa prática foi percebida como arcaica e obsoleta diante do predominante sistema monetário. Entretanto, o escambo continua a ser uma prática arraigada em muitas comunidades tradicionais pelo mundo.

Em Barreirinhas, essa prática mantém sua vigência, sendo frequentemente empregada em povoados e comunidades tradicionais, coexistindo harmoniosamente com o sistema de troca monetária convencional. Diversos motivos respaldam a recorrência do escambo neste contexto específico. Neste artigo, propõe-se uma exploração aprofundada dessas motivações, com o intuito de arrojar luz sobre as dinâmicas econômicas e sociais subjacentes.

---

<sup>1</sup> Discente do 3º ano do Curso Técnico em Meio Ambiente, do IFMA – Campus Barreirinhas.

## **1. CONTEXTO GEOGRÁFICO, ECONÔMICO E SOCIAL DE BARREIRINHAS**

Barreirinhas, situado no Litoral Ocidental Maranhense, é um município brasileiro do estado do Maranhão, dotado de características geográficas distintas e uma economia diversificada. Com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população municipal em 2022 alcançou 65.589 habitantes, com uma distribuição demográfica de aproximadamente 51% de homens e 49% de mulheres.

A educação, um pilar essencial, demonstra uma considerável taxa de cobertura da escolarização na faixa etária de 6 a 14 anos, alcançando expressivos 96%. Essa ênfase na instrução contribui para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do município.

A economia de Barreirinhas, sustentada por setores diversos, é notavelmente impulsionada pelo turismo, agricultura e pesca. O turismo, alavancado pelas esplêndidas belezas naturais, destaca-se como a atividade econômica primordial. O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, um tesouro natural, serve como catalisador para essa indústria, atraindo aproximadamente 100 mil turistas anualmente. Esse parque é caracterizado por um conjunto de lagoas de água doce que se formam durante o período de chuvas, compreendido entre os meses de novembro e maio.

A agricultura ocupa uma posição proeminente na economia local e concentra-se na produção de mandioca, milho e arroz. A mandioca emerge como a principal cultura agrícola, sendo utilizada na fabricação de produtos como farinha e tapioca. O milho, segunda cultura agrícola mais significativa, é empregado na produção de farinha, fubá e outros derivados. O arroz, terceira cultura agrícola de destaque, é uma fonte fundamental na alimentação humana.

A pesca, como terceira atividade econômica mais relevante, destaca-se pela prática da pesca artesanal. Realizada em pequenas embarcações, utilizando métodos tradicionais como redes e artefatos específicos, a pesca artesanal é responsável pela captura de peixes, camarões e outros frutos do mar, contribuindo significativamente para a subsistência e economia local.

## **2. MOTIVAÇÕES PARA A PRÁTICA DO ESCAMBO EM BARREIRINHAS**

A prática do escambo em Barreirinhas encontra-se fundamentada em diversas motivações, delineando uma intrincada rede de fatores econômicos, sociais e geográficos. Essas motivações, essenciais para compreender a arraigada presença do escambo nesse contexto específico, são examinadas em detalhes abaixo:

### **2.1 ESCASSEZ DE RECURSOS MONETÁRIOS**

Uma das principais motivações para a prática do escambo em Barreirinhas reside na significativa escassez de recursos monetários que aflige muitas famílias locais. A condição de pobreza dessas famílias as coloca em uma posição desafiadora para acessar bens e serviços essenciais. O escambo, ao permitir a troca direta de produtos, como a farinha de mandioca, por outros necessários, como peixe ou carne, emerge como uma alternativa viável para suprir essas necessidades sem depender exclusivamente de dinheiro.

### **2.2 PREFERÊNCIA POR BENS NATIVOS E MANUTENÇÃO DE LAÇOS COMUNITÁRIOS**

Outra motivação substancial é a preferência manifesta por parte das comunidades locais por bens artesanais, oriundos de suas próprias terras, em detrimento dos produtos industrializados. Essa preferência

é motivada tanto pela qualidade superior dos produtos locais quanto pela ligação emocional com a terra e seus contrerrâneos. O escambo, nesse cenário, facilita a obtenção rápida desses bens desejados, eliminando intermediários e fortalecendo os laços comunitários. Estabelece-se, assim, uma rede de relações de troca que atribui um valor significativo aos produtos envolvidos.

### **2.3 INACESSIBILIDADE AOS CENTROS COMERCIAIS**

A inacessibilidade aos centros comerciais, uma característica marcante do extenso território de Barreirinhas, emerge como a principal motivação para a prática continuada do escambo. Com um pequeno centro urbano concentrando a maior parte das atividades econômicas, e com limitadas estradas de fácil acesso para as comunidades no interior do município, a dificuldade em estabelecer estabelecimentos comerciais convencionais é evidente. Quanto mais distante e inacessível uma comunidade é das áreas urbanas, maior se torna a dificuldade de estabelecer centros comerciais. Logo, o escambo se torna uma prática não apenas conveniente, mas necessária, para atender às demandas locais e seus entornos.

Essas motivações interconectadas revelam o escambo em Barreirinhas como uma resposta adaptativa a desafios econômicos e geográficos, destacando sua relevância na promoção da subsistência e na manutenção de uma economia comunitária resiliente.

### **3. A PRÁTICA DE ESCAMBO SOB A PERSPECTIVA DE MARX**

#### **3.1 RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E ESCAMBO: FUNDAMENTOS DO SISTEMA CAPITALISTA**

As relações de produção, como descritas por Karl Marx em sua obra *O Capital*, constituem o cerne das interações sociais no contexto da produção de bens e serviços. No contexto capitalista, essas relações são notáveis pela exploração intrínseca da mão de obra. Trabalhadores, necessitando sustentar suas vidas, vendem sua força de trabalho aos capitalistas, que os empregam para a produção de bens e serviços. Uma dinâmica na qual os capitalistas, por sua vez, acumulam capital através da apropriação do excedente da produção – a disparidade entre o valor gerado pelos trabalhadores e o valor remunerado em salários.

#### **3.2 O ESCAMBO COMO RESISTÊNCIA ESTRATÉGICA ÀS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO CAPITALISTAS**

O escambo, como prática atávica de troca direta desprovida do uso de moeda, surge como uma forma de resistência às relações de produção capitalistas. Essa prática, originária de eras pré-capitalistas, assume em Barreirinhas uma dimensão estratégica. O escambo proporciona uma alternativa viável, permitindo que os indivíduos troquem seus produtos e serviços sem submeter-se às estruturas exploratórias capitalistas.

Em um exemplo concreto, consideremos um agricultor em uma comunidade rural, onde ele não apenas cultiva mandioca para sua subsistência, mas também gera um excedente para transações comerciais. Em um dado momento, ao necessitar de itens essenciais na cidade, como sal, açúcar e farinha, o agricultor depara-se com a limitação financeira. Em vez de sucumbir à dependência do dinheiro, ele opta por

trocar parte de sua produção de mandioca diretamente com um pescador urbano que, por sua vez, precisa do alimento para sua família.

A transação, caracterizada pela ausência de um intermediário capitalista, não apenas satisfaz as necessidades de ambos, mas também reforça a autonomia econômica das comunidades em Barreirinhas.

### **3.3 A IMPORTÂNCIA VITAL DO ESCAMBO PARA A POPULAÇÃO POBRE: UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA**

Para a população economicamente desfavorecida em Barreirinhas, o escambo emerge como uma tábua de salvação, proporcionando meios de subsistência cruciais em meio à escassez financeira. Essas comunidades, caracterizadas por níveis elevados de desigualdade social e acesso restrito a serviços básicos, encontram no escambo uma forma tangível de obter alimentos, vestimentas e medicamentos, mesmo quando desprovida de recursos monetários.

Em um contexto no qual a pobreza muitas vezes impede o acesso a serviços essenciais, o escambo representa uma alternativa vital. Através dessa prática, os indivíduos podem trocar os produtos e serviços que produzem por itens indispensáveis, mitigando as disparidades socioeconômicas e contribuindo para uma maior resiliência das comunidades diante das adversidades impostas pelo sistema capitalista. O escambo, portanto, transcende sua natureza transacional, transformando-se em um instrumento crucial para a subsistência e a resistência da população pobre em Barreirinhas.

## **4. A PRÁTICA DE ESCAMBO SOB A PERSPECTIVA DE LÊNIN**

Vladimir Lênin, em sua obra *O Imperialismo: Etapa Superior do Capitalismo*, aborda de maneira perspicaz a expansão do capitalismo monopolista e a exploração exercida pelos países imperialistas sobre as

nações periféricas. Esse contexto teórico proporciona uma lente analítica valiosa para entender as dinâmicas econômicas em lugares como Barreirinhas, onde a prática do escambo não apenas subsiste, mas desempenha um papel crucial como mecanismo de resistência.

#### **4.1 A EXPANSÃO DO CAPITALISMO MONOPOLISTA E O CONTEXTO GLOBAL**

Lênin discute como o capitalismo, em sua fase monopolista, se expande para além das fronteiras nacionais, resultando na dominação econômica e exploração de nações periféricas pelos países imperialistas. Essa exploração é frequentemente vinculada à dependência econômica desses países periféricos em relação aos centros capitalistas. Barreirinhas, apesar de sua localização geográfica distante dos centros globais de poder econômico, não está imune a essas dinâmicas.

#### **4.2 O ESCAMBO EM BARREIRINHAS COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA**

A prática persistente do escambo em Barreirinhas pode ser interpretada como uma resposta adaptativa a essa dependência econômica imposta pelo imperialismo. O escambo, ao promover a troca direta de bens e serviços sem envolvimento monetário, atua como uma barreira parcial contra as influências do capitalismo global. Essa estratégia oferece às comunidades locais uma forma de preservar sua autonomia econômica, minimizando as ameaças de exploração externa.

Além disso, o escambo funciona como uma barreira parcial contra as crises inerentes ao sistema capitalista global. Em tempos de instabilidade econômica, a dependência reduzida de transações monetárias diretas pode conferir uma certa estabilidade à economia local. O sistema de escambo, ao ser menos suscetível às flutuações do mercado financeiro global, oferece uma alternativa resiliente em momentos de crise

### **4.3 PRESERVAÇÃO DA AUTONOMIA ECONÔMICA E FORTALECIMENTO DE LAÇOS COMUNITÁRIOS**

Ao optar pelo escambo, Barreirinhas não apenas busca preservar sua autonomia econômica, mas também fortalece os laços comunitários. A prática cria uma interdependência positiva entre os habitantes locais, promovendo uma economia mais comunitária e solidária. Isso não apenas reforça a resiliência contra as pressões externas, mas também contribui para o desenvolvimento sustentável e coeso das comunidades.

Nessa perspectiva, a análise de Lênin sobre o imperialismo fornece um quadro teórico valioso para compreender as estratégias de resistência adotadas por comunidades como Barreirinhas. O escambo, nesse contexto, não é apenas uma prática econômica, mas uma expressão consciente de autonomia local e resistência aos imperativos econômicos globalizados.

### **5. A PRÁTICA DE ESCAMBO SOB A PERSPECTIVA DE DAVID HARVEY**

David Harvey, em sua obra *Social Justice and the City*, introduz a teoria do desenvolvimento geográfico desigual, uma perspectiva que postula a ocorrência de disparidades no desenvolvimento econômico entre diferentes regiões. Ao aplicar essa teoria ao contexto específico do escambo em Barreirinhas, emerge uma compreensão mais rica e detalhada das estratégias adotadas pelas comunidades para enfrentar as desigualdades econômicas resultantes do desenvolvimento urbano. Essa prática, longe de ser casual, pode ser interpretada como uma resposta orgânica e adaptativa à dinâmica desigual imposta pela urbanização.

### **5.1 DESENVOLVIMENTO GEOGRÁFICO DESIGUAL**

A teoria de Harvey destaca a ideia de que o desenvolvimento econômico não ocorre uniformemente em todas as regiões, resultando em disparidades significativas. Em muitos casos, o crescimento econômico concentrado em áreas urbanas pode acentuar as desigualdades, deixando comunidades periféricas em uma posição economicamente desfavorecida. Barreirinhas, embora encante com suas belezas naturais, não escapa dessa dinâmica, enfrentando os desafios derivados do desenvolvimento geográfico desigual.

### **5.2 ESCAMBO COMO ESTRATÉGIA ORGÂNICA**

No contexto de Barreirinhas, o escambo surge como uma estratégia adotada de maneira orgânica pela comunidade para mitigar as desigualdades econômicas agravadas pelo desenvolvimento urbano. Ao optar pelo escambo, as comunidades buscam criar um sistema de trocas diretas que contorna as limitações impostas pelo desenvolvimento geográfico desigual. Essa prática não apenas representa uma resposta à escassez de recursos econômicos, mas também reflete a resiliência e a inventividade das comunidades em face de desafios estruturais.

### **5.3 RESPOSTA DINÂMICA ÀS DESIGUALDADES IMPOSTAS**

A análise da prática do escambo à luz da teoria de Harvey revela não apenas uma estratégia econômica, mas uma resposta dinâmica e adaptativa às desigualdades impostas pelo desenvolvimento geográfico desigual. Ao preservar e fortalecer suas práticas comunitárias, Barreirinhas não apenas enfrenta os desafios econômicos, mas também

afirmar sua autonomia e identidade diante das forças mais amplas do desenvolvimento urbano.

Portanto, ao incorporar a teoria de desenvolvimento geográfico desigual de Harvey à análise do escambo em Barreirinhas, somos conduzidos a uma compreensão mais aprofundada das estratégias locais diante das complexidades socioeconômicas, oferecendo uma perspectiva valiosa para a reflexão sobre desenvolvimento urbano e justiça social.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática persistente do escambo nas comunidades do interior de Barreirinhas e em outros municípios do Maranhão emerge como uma resposta intrínseca ao desenvolvimento econômico geográfico desigual, resultado do crescimento vertiginoso das áreas urbanas e da expansão ininterrupta do capitalismo. Esse fenômeno, longe de ser casual, configura-se como a construção consciente de um sistema econômico paralelo ao dominante capitalista.

Nesse contexto, as comunidades não apenas reagem às disparidades econômicas, mas atuam como protagonistas na criação de alternativas econômicas adaptadas à sua realidade local. O escambo, enraizado na troca direta, representa uma forma de resistência ativa. Ao optar por essa prática, as comunidades buscam alcançar uma autonomia econômica relativa, mitigando os impactos negativos do desenvolvimento desigual nas regiões urbanas.

É importante ressaltar que esse sistema econômico paralelo não procura replicar as dinâmicas capitalistas predominantes, mas sim estabelecer características únicas que o tornam adequado às necessidades específicas das comunidades. O escambo não é apenas uma

troca de bens; é um mecanismo que viabiliza o acesso equitativo a itens essenciais de consumo. Em períodos de crise econômica no sistema capitalista, o escambo surge como uma alternativa resiliente, permitindo que as comunidades satisfaçam suas necessidades fundamentais de maneira mais sustentável.

Esse entendimento profundo da prática do escambo vai além de uma simples resposta às disparidades econômicas. Ele delineia um caminho para a construção de soluções autênticas e sustentáveis, destacando a importância de valorizar as práticas econômicas locais como instrumentos essenciais na promoção de resiliência e justiça socioeconômica. Nesse sentido, reconhecer e apoiar essas práticas torna-se crucial diante dos desafios impostos pelo desenvolvimento geográfico desigual e pelas dinâmicas capitalistas em constante evolução. Esse entendimento profundo não apenas enriquece a análise das práticas locais, mas também contribui para a formulação de abordagens mais holísticas na busca por equidade e desenvolvimento sustentável.

## REFERÊNCIAS:

HARVEY, D. **Social Justice and the City**. Oxford: Blackwell, 1987

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Recenseamento demográfico. 2022.

LENIN, V. I. **Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo**. Tradução: Paula Vaz de Almeida. São Paulo: Boitempo, 2022.

MARX, K. **O Capital** – Livro I – Crítica da Economia Política: O Processo de Produção do Capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O Capital** – Livro II – O Processo de Circulação do Capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O Capital** – Livro III – O Processo Global da Produção Capitalista. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.



# 4

## **O IMPERIALISMO: REFLEXÕES A PARTIR DA REALIDADE DE BARREIRINHAS – MA**

*Ana Carolina Rocha Azevedo <sup>1</sup>*

Uma das características do modo de produção capitalista é sua expansão. Podemos afirmar que ele se inicia ainda nos idos do século XVI, com a conquista do Novo Mundo – as Américas – com as chamadas grandes navegações, propiciando sua fase de acumulação primitiva, o que Marx (2003) acabou definindo como a pré-história desse modo de produção.

A partir desse momento, teremos a construção das relações entre metrópoles e suas respectivas colônias, com as primeiras objetivando exclusivamente a exploração das segundas, relação basicamente pautada no jogo em que as metrópoles enviavam produtos “industrializados” para suas colônias e em troca recebiam destas, por sua vez, matéria-prima das mais variadas naturezas, desde a produção agrícola (açúcar, algodão, café, dentre outras) até o extrativismo (ouro e prata).

No século XVIII, assistiu-se na região da Inglaterra a consolidação do modo de produção capitalista, reforçado por um acontecido que seria chamado mais tarde pela historiografia como a Revolução Industrial. Em sua primeira fase caracterizada pela produção de produtos de bens de consumo, em especial, vestimentas confeccionadas a partir da utilização do algodão e da lã – momento de predomínio das famosas indústrias têxteis.

Entretanto, a consolidação do modo de produção capitalista na Inglaterra não pode ser somente associada ao aparecimento/

---

<sup>1</sup> Discente do 3º ano do Curso Técnico em Alimentos do IFMA – Campus Barreirinhas

surgimento/ construção das máquinas – novos meios de produção que potencializaram este tipo de atividades a números nunca vistos na história –, mas sim, às mudanças ocorridas nas relações de produção que acabaram por propiciar a própria industrialização.

Em conformidade com Marx (2003) e Hobsbawm (2010), a mudança fundamental aconteceu nos aspectos socioeconômicos, pois na Inglaterra houve todo um processo iniciado desde o século XVI de retirada dos camponeses dos meios de produção, precisamente, a terra. Assim, esses camponeses ficaram “livres” como pássaros, restando-lhes a venda de sua força de trabalho – processo que, guardando algumas peculiaridades, acabou sendo seguido por outras nações nos séculos seguintes.

Desse modo, do século XVIII até meados do século XIX, pode-se dizer que tivemos o capitalismo em sua fase concorrencial, com o domínio dos britânicos, e, depois disso, o capitalismo entrou em sua fase monopolista, iniciando-se o que Lênin (2017) acabou por chamar de imperialismo, fase superior desse modo de produção:

O capitalismo, chegado à sua fase imperialista, conduz à socialização integral da produção nos seus mais variados aspectos; arrasta, por assim dizer, os capitalistas, independentemente de sua vontade e sem que disso tenham consciência, para um novo regime social, de transição entre a absoluta liberdade de concorrência e a socialização completa.

A produção torna-se social, mas a apropriação continua a ser privada. Os meios sociais de produção continuam a ser propriedade privada de um reduzido número de indivíduos. O quadro geral da livre concorrência é mantido nominalmente, e o jugo de um punhado de monopolistas sobre o resto da população torna-se cem vezes mais pesado, mais sensível, mais insuportável. (2017, p. 131).

Assim, verificou-se uma luta desenfreada entre as nações consideradas tradicionais, ou seja, aquelas onde o processo de industrialização aconteceu primeiro, precisamente Inglaterra e França,

contra as potências consideradas emergentes, sobretudo, a Alemanha. Tanto que Lênin (2017) acaba concluindo sua análise com a assertiva de que a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918) acabou sendo resultante da política imperialista aplicada por esses países, uma vez que todos os Estados industrializados buscaram mercado consumidor para seus produtos.

Convém ressaltar que esse processo de expansão, representado pela política imperialista por parte dos países considerados desenvolvidos, acontece em paralelo com a consolidação do conhecimento científico, em especial, no ocidente europeu. Assim, a narrativa científica acabou sendo utilizada como ideologia para a conquista de novos territórios, sobretudo na África e Ásia. A respeito da política imperialista, Coggiola (2021, p. 170), destaca:

Na etapa imperialista, o capitalismo chega a sua fase de plena maturidade: o enorme desenvolvimento das forças produtivas, a concentração da produção e a acumulação do capital socializaram ramos inteiros da economia. Essa elevada socialização da produção entra cada vez mais em contradição com o modo de apropriação, a propriedade privada concentrada nas mãos de um pequeno número de capitalistas. Trata-se de uma face qualitativamente diversa do capitalismo, seu estágio final, que marca sua transição para um novo regime social.

Porém, como qualquer organismo vivo, o capitalismo que chegou a sua plena maturidade só pode começar a apodrecer. O imperialismo caracteriza-se pelo desenvolvimento de todas as tendências parasitárias do capitalismo que o conduzem para a sua agonia e sua morte

Em resumo, podemos afirmar que o imperialismo é quando os estados considerados mais desenvolvidos tomam vantagens sobre os considerados menos desenvolvidos, explorando-se seus recursos naturais, força de trabalho e mercados para enriquecer ainda mais. O que, logicamente, acaba por aumentar o processo de desigualdades sociais verificadas na chamada periferia do sistema capitalista.

Convém destacar que a política imperialista continua em curso, não sendo findada com a Guerra Mundial no século passado, pois o capitalismo, como salientado no início desse texto, tem como uma de suas principais características o seu expansionismo. Assim, cabe-nos o seguinte questionamento: como a política imperialista tem acontecido no município de Barreirinhas? É o que tentaremos discutir no restante desta produção, salientando-se que nosso objetivo não é encerrá-la, mais somente suscitar, a partir desta reflexão, a possibilidade de novos debates e discussões sobre o tema.

### **ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL DE CAPITAL: FACETA DO IMPERIALISMO EM BARREIRINHAS**

Barreirinhas é um município brasileiro, situado no estado do Maranhão. Localiza-se no Norte do referido estado, na região conhecida pelo nome de Lençóis Maranhenses<sup>2</sup>. Sua população foi estimada em 63.991 habitantes, conforme dados do IBGE de 2021, sendo o vigésimo mais populoso do Maranhão.

A região tem sido muito visitada em decorrência das questões de natureza turística. Com isso, temos observado o processo de expansão do capitalismo no município. Contudo, não é o modo de produção em sua forma de acumulação pesada, da industrialização, mas sim, a forma de acumulação leve, a chamada acumulação flexível (Harvey, 2011).

Entretanto, essa suposta flexibilidade não significa “melhoras” no capitalismo. Logicamente que não, é apenas uma nova forma de desenvolvimento da exploração desse modo de produção, pois embora surjam novos “signos” de exploração, a velha lógica do casamento entre capital-trabalho ainda continua existindo. Uma vez que não se pode

---

<sup>2</sup> Em 1981, foi criado o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

esquecer que o capital necessita explorar o trabalho para que tenha seus lucros.

Desse modo, o turismo representa uma das maneiras desse tipo de acumulação, marcada pela flexibilidade, no qual o trabalho está totalmente “desamparado”, apesar da falsa impressão de que cada um é dono do seu tempo, sem a rigidez da hierarquia das fabricas. No caso de Barreirinhas, os Lençóis Maranhenses acabam se tornando tanto em mercadoria quanto um meio de produção. No primeiro caso, passando a ter valor. Porém, como qualquer outra mercadoria, poderá ser descartada.

Ainda sobre a acumulação flexível, vejamos o que Harvey (2011, p.148 ), coloca:

A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica. A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo [...] e instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença e a mercantificação de formas culturais.

Salientando-se que a nível global esse modelo de acumulação surgiu após o colapso da acumulação anterior, caracterizada pelo modelo fordista, da industrialização pesada. Ou seja, Barreirinhas não vivenciou – ou melhor, não experimentou – aquele momento de acumulação. Porém, isso não significa que o capitalismo não se fizesse presente por essa região.

Sendo assim, observamos que o capitalismo consegue conviver com outras formas de produção, ainda que depois busque a superação desses antigos modelos de produção, o que, por sua vez, torna a expansão desse modo de produção nas regiões consideradas como periféricas – a própria Barreirinhas – como sendo até mais perverso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Lênin (2017), o imperialismo é a fase superior do capitalismo. Acrescentaríamos apenas que dos “capitalismos”, pois no município de Barreirinhas se observa uma forma de acumulação que já não é a mesma dos tempos do pensador russo ou mesmo a que preponderou em grande parte do mundo até o interstício dos anos de 1970. Contudo, entendemos que isso é o de menos, pois independente do modelo de acumulação, a essência desse modo de produção continuará a mesma: exploração do trabalho, busca desenfreada por lucros, mercadorização de pessoas e lugares etc.

Parece-nos ser inevitável conter os avanços e conquistas de um modo de produção caracterizado pelo caráter expansionista. Entretanto, isso não significa que a população do município – em especial, os povos originários e as comunidades tradicionais – devam ficar caladas diante a expansão do capitalismo e suas contradições, pois, diferente do capital, lidamos com pessoas e não com mercadorias. Desse modo, as identidades construídas ao longo do tempo na região podem ser ferramentas importantes nessa contenda.

## REFERÊNCIAS:

- COGGIOLA, Osvaldo. **Teoria Econômica Marxista**. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções (1789-1848)**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2021.
- LÊNIN, Vladimir Ilyich. **O imperialismo: etapa superior do capitalismo**. Campinas: Editora Unicamp, 2017.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

# 5

## A ORIGEM DO CAPITALISMO

*Sarah Moraes Gomes <sup>1</sup>*

Na transição da Idade Média para Idade Moderna, temos os primeiros indícios de um novo modelo de sociedade. Um modelo econômico, que traria também um modo social, engatinhava a caminho de se tornar um sistema global, abrangente e que mudaria toda forma social desde então.

O capitalismo transformou radicalmente todas as instâncias da vida humana. Em meados do século XV, primeiramente na Inglaterra com a expulsão dos camponeses de suas terras (que passaram a concentrar-se nas mãos de grandes proprietários), os pequenos lotes familiares foram desapropriados, assim como as terras da igreja católica e as terras comunais medievais. Esse processo levou a um grande êxodo rural em direção as cidades.

Nesse mesmo período, tem-se início as expedições coloniais, que tinham como principal objetivo enriquecer Estados europeus, muitos deles já associados a burguesias estabilizadas (como a Inglaterra). Essas expedições destruíram florestas, impuseram a monocultura como modo de produção agrícola para indígenas, cercaram terras nas Américas, dizimaram populações indígenas em busca de ouro e exploraram a mão de obra escrava africana. Todos esses fatos são dados iniciais de uma estrutura que, segundo Comparato (2011), sedimentou-se somente na segunda metade do século XX e que ainda cresce. Porém, os rastros de destruição e desigualdade são fatos historicamente documentados.

---

<sup>1</sup> Especialista em Docência do Ensino Superior. Professora Substituta EBTT do IFMA – Campus Barreirinhas.

Desse modo, pretendemos pincelar a origem do sistema capitalista e suas principais discussões teóricas.

O capitalismo é um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, no qual a busca pelo lucro e a acumulação de riquezas são a base desse sistema. De acordo com os teóricos desse sistema, as trocas econômicas são realizadas livremente no mercado, sem intervenção estatal direta na maioria das transações. Uma estrutura diferente daquela que se organizava no medievo, que era basicamente organizada em três castas: clérigos, aristocratas-militares e os camponeses. Essa organização era realizada de um modo significativamente rígida, ou seja, havia um grande exercício de poder para a manutenção dessas hierarquias, porém existem documentações historiográficas do século XI que demonstram o início do abalo dessas estruturas, como diz:

[...] a ordem eclesiástica compõe apenas um só corpo, mas a sociedade inteira está dividida em três ordens. a par do já citado corpo, a lei reconhece outras duas condições (sociais): o nobre e o servo não se regem pela mesma lei. os nobres são os guerreiros, os protetores das igrejas. defendem todo o povo, assim os grandes como os pequenos, além de se protegerem a si próprios. a outra classe é a dos servos. esta raça de desgraçados nada possui sem sofrimento. a todos, fornecem eles provisões e vestuário, sem os quais os homens livres pouco valem. assim, pois, a cidade de deus, tida como una, é na verdade tríplice. uns rezam, outros lutam e outros trabalham. as três ordens vivem juntas e não sofreriam uma separação. os serviços de cada uma dessas ordens tornam possíveis as atividades das duas outras. e cada qual, por sua vez, presta apoio às demais. enquanto esta lei esteve em vigor, o mundo teve paz. Mas, agora, as leis se debilitam e toda paz desaparece. Mudam os costumes dos homens e muda também a divisão da sociedade; [...] (Carozzi *apud* Comparato, 2011, p. 254).

As “mudanças de costume” coincidem com o surgimento de grupos de comerciantes que possuíam tanto a mentalidade quanto a organização de instituições sociais, divergentes da estrutura dada na

sociedade medieval; essa mudança visava lucro máximo, advento do exercício da atividade econômica, o trabalho. Max Weber, clássico da sociologia, denominou essa mudança de mentalidade de “o espírito do capitalismo”. Historicamente, não se observa em outras civilizações comportamento parecido, que seria: acumular bens materiais como finalidade última da vida através do trabalho, ponto discordante da sociedade medieval em que a riqueza está totalmente atrelada ao nascimento – ou seja: nobreza. A ética capitalista era violentamente contra esse princípio.

Outro aspecto que observamos da mudança social era o acesso à terra, pois, o status social medieval, um marcador social, era o acesso à terra. Essas começaram a ser vendidas a não nobres, exceto, judeus – fato que rapidamente desenvolveu-se em compra de títulos de nobreza e demonstrava a mudança no sistema jurídico medieval, pois “era inadmissível que a terra e os demais bens imóveis fossem objetos de operações mercantis” (Comparato, 2011). Ou seja, havia uma separação entre comércio e atividade imobiliária. O comerciante, que é aquele que lida com as mercadorias e o trabalho que cada vez mais se espalha como regra social, que é a prática do comércio é, indissociavelmente de mercadoria no qual seria a realização de lucro como objetivo de operação de compra e revenda e vale para qualquer ser animado, ou inanimado,

[...] bens, ofícios públicos, concessões administrativas e até pessoas, como os trabalhadores assalariados ou os consumidores. Deparamos, aí, com uma radical desumanização da vida. O capital, como valor supremo, é transformado em pessoa ficta, dita entre nós *pessoa jurídica*, e em outras legislações *pessoa moral*. Os homens, ao contrário, quando despidos da posse ou propriedade de bens materiais, são aviltados à condição de mercadorias vivas, quando não excluídos da sociedade capitalista como pesos mortos. Ou seja, a inversão completa do princípio ético kantiano: as pessoas passam a

ter um preço e perdem, desse modo, sua dignidade intrínseca. (Marx, 2003, p. 180).

O nascimento do capitalismo na Idade Média pode ser considerado um dos maiores acontecimentos de transformação histórica. Com ele, tivemos o renascimento do comércio, a reconquista de áreas territoriais perdidas pelos europeus aos mulçumanos e também a contribuição para o nascimento de centros urbanos, os “burgos”. Sobre isso, o autor Fábio Comparato comenta:

Tinha início, dessa maneira, a lenta desmontagem da estrutura ternária da sociedade, na longa linhagem da cultura indo-europeia. Em lugar das consagradas ordens ou estamentos, vinculados à terra, surgiam nas novas cidades, doravante livres do poder feudal, grupos sociais não dotados de um estatuto jurídico próprio e que possuíam direitos e deveres formalmente iguais. O que os distinguiu substancialmente entre si era, tão só, o nível de suas posses pessoais, notadamente a propriedade de bens de produção. Nascia, com isso, a moderna sociedade de classes. Como salientam os historiadores, em Flandres já se registravam, no século XII, manifestações de luta de classes no setor têxtil. Se considerarmos agora a mentalidade característica da sociedade medieva, verificaremos uma mudança sensível, da Alta (séculos VIII a XI) à Baixa Idade Média (séculos XII a XV). (Comparato, 2011, p.252).

O capitalismo se deu através de processos macroestruturais e microestruturais, atingindo o cotidiano das pessoas, o pensamento, e diretamente o corpo. Esse processo tem início num período historicamente demarcado e denominado de Era Moderna, entre o século XV e XVIII. Ao retornamos à ciência História, observaremos diversos acontecimentos nesse período, tais como o Renascimento, as Reformas Protestantes, as Grandes Navegações, o início dos processos de colonização das Américas, a Contrarreforma Católica, as primeiras teorias iluministas e o Mercantilismo. Ou seja, um turbilhão de acontecimentos que mudaram completamente o rumo da sociedade,

não somente a europeia. Por mais que esses acontecimentos se concentrassem no continente europeu, eles foram expandidos e marcaram nossa história do mundo em suas diversas fases.

### **REFERÊNCIAS:**

COMPARATO, Fábio Konder. **A civilização capitalista:** para compreender o mundo em que vivemos. São Paulo: Saraiva, 2011.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2002.



# 6

## O MARXISMO: BALANÇO TEÓRICO

*Marcelo de Sousa Araujo*<sup>1</sup>

Para o historiador britânico Perry Anderson (1984), uma das principais características da escola marxista é o seu processo constante de autocrítica. O argumento de Anderson é muito interessante, sobretudo quando pensamos que a produção intelectual de Karl Marx não tinha como destino os bancos das universidades e das academias, e, sim, o campo das lutas políticas, do movimento social. Ou seja, objetivasse, com essa produção, o caminho para o sucesso da revolução.

Sendo assim, a obra de Marx passou a fazer parte do espaço acadêmico, principalmente a partir do início do século passado: na Itália, na Alemanha e na Inglaterra. O ponto crucial para isso foi o fato de esse autor não ser mais interpretado somente como um mero ativista político e um militante, mas sim, ser compreendido como alguém que elaborou uma teoria do conhecimento, uma epistemologia.

Por exemplo, no caso da Alemanha, destacam-se às produções e os debates realizados a partir dos anos de 1920, no Instituto para a Pesquisa Social, popularmente conhecido como Escola de Frankfurt, pois a partir da descoberta e publicação de textos inéditos de Marx, os membros desse instituto não somente os interpretaram do ponto de vista epistemológico como também procuraram o diálogo da teoria marxiana com outras matrizes do conhecimento. Podemos mencionar o “casamento” entre o materialismo histórico e a psicanálise freudiana realizadas por Erich Fromm, Herbert Marcuse e Theodor Adorno. Ou

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal do Maranhão.

ainda, os trabalhos polissêmicos elaborados por Walter Benjamin, reunindo Karl Marx, Charles Baudelaire e Marcel Proust.

Assim, trabalhar com a filosofia marxiana se torna um grande desafio, posto que sua obra, como mencionado anteriormente, não tinha como objetivo os bancos das academias. Por isso, não encontraremos, por exemplo, nenhum texto de Marx no qual é explicado didaticamente o seu método. Muito diferente do que acontece com Émile Durkheim ou mesmo Max Weber. O primeiro deixa evidente os passos do seu método sociológico – também chamado de comparativo – na obra *As regras do método sociológico*. O segundo, por sua vez, coloca os passos de sua sociologia compreensiva e seu método tipológico no clássico livro *Economia e Sociedade*.

Em Marx temos alguns apontamentos no trabalho publicado postumamente em parceria com Friedrich Engels, *A Ideologia Alemã* (1846). No prefácio para *A crítica da Economia Política* (1859), também, no fragmento intitulado “O Método da Economia Política”, contido na obra supracitada ou ainda no prefácio da edição francesa de *O Capital* (1882). O seu método, na verdade, será depois estudado e esmiuçado por diversos autores marxistas das mais variadas áreas do conhecimento. Só a título de ilustração, podemos citar três manuais: Henri Lefebvre, geógrafo francês, e seu livro *O Marxismo*; José Paulo Netto, assistente social brasileiro, com *Introdução ao Estudo do Método em Marx*; Karel Kosik, filósofo de origem tcheca e seu clássico *Dialética do Concreto*.

Todavia, não é o objetivo deste texto passar em revista toda a historicidade do marxismo, mas apenas reiterar que sua autocrítica tem possibilitado a própria reinvenção e a pluralidade dessa escola. Um exemplo disso são os trabalhos do britânico E. P. Thompson que abordam o marxismo por uma perspectiva cultural (superestrutura),

enfazando-se como os costumes podem se constituir em formas de resistência para comunidades consideradas tradicionais.

### **A ORTODOXIA MARXISTA**

A palavra ortodoxia significa “rigoroso; quem segue estritamente as normas e/ou regras estabelecidas por uma religião, ideologia, filosofia, política ou sociedade” (Holanda, 2010, p. 300). Em se tratando do marxismo, Georg Lukács em ensaio clássico, publicado originalmente em 1922, traz-nos a seguinte definição:

O marxismo ortodoxo não significa, portanto, um reconhecimento sem críticas dos resultados da investigação de Marx, não significa uma “fé” numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro “sagrado”. Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao método. Ela implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético, foi encontrado o método de investigação correto, que esse método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado e aprofundado no sentido de seus fundadores, mas que todas as tentativas para superá-lo ou “aperfeiçoá-lo” conduziram somente à banalização, a fazer dele um ecletismo – e tinha necessariamente de conduzir a isso. (Lukács, 2012, p. 64)

Ou seja, no entender do pensador húngaro, a dialética marxista é sempre revolucionária. Dito de outra maneira, teoria e práxis são indissociáveis. Com isso, as pessoas não se tornam marxistas simplesmente pelo fato de lerem ou estudarem as obras do pensador alemão, mas sim, por estarem engajadas na transformação, na revolução, na contestação da ordem burguesa vigente. Desse modo, os textos de Marx não seriam o ponto de partida, e, sim, o ponto de chegada, pois qualquer crítica à ordem vigente necessariamente o encontrará<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A ortodoxia foi predominante nas primeiras décadas do século passado, principalmente no Leste da Europa. Com as abordagens mais centradas em discussões de natureza econômica e política.

Para Lukács (2012), o marxismo não pode ser confundido com ecletismo, pois assim a miscelânea de conceitos, de matrizes teóricas tão divergentes, acabaria por empobrecê-lo. Trazendo-se para os dias atuais, por exemplo, seria impossível um diálogo entre as abordagens marxistas e foucaultianas ou com autores considerados pós-modernos.

Haja vista que a dialética é oposta à metafísica e o objetivo da teoria marxista à transformação, à revolução propriamente dita. Sendo assim, a miscelânea simboliza somente um rosário de nomes que em nada contribuiria com os objetivos desejados pelo marxismo.

Apenas tal relação da consciência com a realidade torna possível a unidade entre teoria e a práxis. Para tanto, a conscientização precisa se transformar no passo decisivo a ser dado pelo processo histórico em direção ao seu próprio objetivo (...). O esclarecimento dessa função da teoria constitui também a via para o conhecimento de sua essência teórica, isto é, para o método dialético (Lukács, 2012, p. 66-67)

Resumindo, a dialética não trabalhada de forma que objetive a transformação, a mudança nas condições materiais e imateriais das formações sociais, não passaria de ser um mero elemento contemplativo da realidade, totalmente inócuo e desprovido de sentido, ou seja, seria totalmente deturpada.

Essa análise é bastante pertinente, sobretudo, nos dias contemporâneos, em que se tem observado uma infinidade de produções realizadas pelos Programas de Pós-Graduações, em especial, nas áreas das ciências humanas e sociais, que infelizmente têm sido somente para o deleite de quem as produziu, posto que em nada têm ajudado nas reflexões sobre a realidade.

## A HETERODOXIA MARXISTA

O marxismo heterodoxo também é chamado de marxismo ocidental e se caracteriza, sobretudo, por pensar o materialismo histórico como uma epistemologia, buscando-se o diálogo entre essa filosofia e outros campos do conhecimento.

Conforme Anderson (2018), foi a partir dessa perspectiva que o marxismo deixa de ser interpretado meramente como uma atividade de natureza política, visando ao processo revolucionário, e passa a ser compreendido como mais uma teoria do conhecimento. Com isso, os textos de Karl Marx e de outros autores da escola passam a ser trabalhados nas universidades. Esse processo começa a ganhar força no ocidente europeu, principalmente a partir dos anos de 1920, 1930 e 1950, mais precisamente: na Alemanha, na Itália e, depois, na Inglaterra.

Então, gradativamente foram se “abandonando” os aspectos econômicos e políticos da teoria marxista, passando a se concentrar, sobretudo, nos aspectos filosóficos. Diga-se de passagem que as publicações de vários textos de Marx ainda inéditos ajudaram bastante para essa viragem. Os chamados textos de juventude, tais como *A Ideologia Alemã* ou mesmo *Os Manuscritos Econômico-Filosóficos* despertaram bastante atenção.

Um exemplo disso, como já mencionado, foi o que aconteceu na Alemanha, mais precisamente, no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, onde os colaboradores se questionavam sobre questões de ordem natural e cultural na tentativa de compreensão da “*natureza humana*”. Assim, categorias como: homem genérico, alienação, dentre outras, presentes nos primeiros textos produzidos por Marx, estavam à luz do dia naquela Alemanha à beira da eclosão do nazismo.

Desse modo, um cenário marcado pela explosão da barbárie e o diálogo entre o materialismo histórico e a psicanálise freudiana se constituía numa estrada interessante para o entendimento de quem é o homem e as razões que o fizeram levar ao processo de destruição da humanidade.

Por sua vez, na Inglaterra, na década de 1950, um conjunto de autores desligados do Partido Comunista após a apresentação do cenário soviético após morte de Stalin também fez a ressignificação do materialismo histórico, enfatizando-se mais os seus aspectos superestruturais, a cultura. Destacando-se a produção de autores, como: Eric Hobsbawm, E. P. Thompson, Raymond Williams, Christopher Hill, entre outros.

A chamada História Social Inglesa, como passou a ser conhecida, sem dúvida, tem dado contribuições significativas para o marxismo, em especial, no campo acadêmico.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomando o argumento inicial de Anderson (1984), a riqueza do marxismo está na sua diversidade, assim seria mais correto falarmos em marxismos, no plural, e, não no singular, pois apesar das diferenças entre concepções consideradas ortodoxas e heterodoxas, o que acaba por unir esses pensadores é a concepção materialista da história.

Assim, entende-se que o marxismo continua extremamente atual, no sentido de problematizar, questionar e transformar a própria sociedade, na busca da emancipação do homem e que esse indivíduo possa enfim desenvolver todas as suas potencialidades.

## REFERÊNCIAS:

- ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.
- ANDERSON, Perry. **A crise da Crise do marxismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- KOSEC, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Positivo, 2010.
- LEFEBVRE, Henri. **O Marxismo: uma introdução**. São Paulo: LP&M, 2009.
- LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

## **SOBRE OS AUTORES**



### **Ana Caroline Rocha Azevedo**

Discente do 3º ano do curso técnico em Alimento.  
IFMA/Barreirinhas



### **Débora Rodrigues de Oliveira Serra (Org)**

Possui graduação em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (2004), mestrado (2014) e doutorado (2022) em Geografia pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus Barreirinhas.



### **João Gabriel Silva Fonseca**

Discente do Curso Técnico de Agenciamento de Viagem.  
IFMA/Barreirinhas



### **Marcelo de Sousa Araujo (Org)**

Doutor em História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes, pela Universidade Federal do Maranhão (2023), atuando na linha de pesquisa: Linguagens, Religiosidades e Culturas. É Mestre em Cultura e Sociedade (2012) - PGCULT/UFMA - e possui Graduação em História Licenciatura Plena (2005), pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Tem experiência na área de História e Antropologia, com ênfase em estudos relacionados, sobretudo a comunidades rurais, trabalhando com as seguintes temáticas: Identidade, Memória, Festas, Cultura Popular, Etnicidade e Teorias do Conhecimento . Membro do

Núcleo de Estudos do Pensamento Socialista (NEPS/ UFMA) , atuando na linha de pesquisa: Marxismo e Sociedade, coordenada pelo Prof.Dr Baltazar Macaíba de Sousa . Também é membro do Grupo História, cultura letrada e outras linguagens (HILL/UFMA), sob a coordenação do Prof. Dr João Batista Bitencourt. Atualmente, é Coordenador do Curso de Licenciatura em História do Centro de Ensino Superior Santa Fé (CESSF). Prof.Substituto EBTT, do IFMA-Barreirinhas.



**Renato Cezário de Lima**

Discente do 3º ano do Curso Técnico em Meio Ambiente. IFMA/Barreirinhas.



**Sarah Moraes Gomes (Org)**

Licenciada em História pela UEMA. Especialista em Docência do Ensino Superior. Professora Substituta EBTT do Instituto Federal do IFMA/Barreirinhas. Coordenadora do NEABI/IFMA-Barreirinhas. Pesquisadora em questões étnico raciais, educação, mídia, marxismo, História

Contemporânea e Cultura.



**Paulo Arthur Carvalho Baldez**

Discente do 2º ano do Curso Técnico em Meio Ambiente. IFMA-Barreirinhas



**Pedro Valentim de Souza**

Discente do Curso Técnico de Agenciamento de Viagem.  
IFMA/Barreirinhas.



**Pérola Macário Martins**

Discente do 2º ano do Curso Técnico em Meio Ambiente.  
IFMA/Barreirinhas



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)

"A tradição das gerações mortas oprime o pensamento dos vivos como um pesadelo"

Karl Marx



*editora* **fi**.org

